

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo -- Terça-feira 21 de Setembro de 1886

Diário da manhã—Anno VIII—Num. 2163

A PATRIA

Publicação diária e da manhã. — Sahe pela typographia do seu nome

Tem colaboradores e numerosos correspondentes na campanha e Exterior

DIRETOR: PASSIO A. FARIQUA

CONDICÕES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.50

PARA FORA

Semestre . . . \$ 8.00

Ano . . . \$ 15.00

Numero do dia . . . 0.10

atrasado . . . 0.20

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestre (moeda papel réis) . . . 198/000

Ano . . . 368/000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.

A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retida pelo correio. Não se devolvem originaes, ainda que não sejam publicados.

AGENTES

NA

Campanha e Exterior

LOCALIDADES	NOME DOS AGENTES
Alzate,	Freitas Valle & Jacques, Antonio Macdonia.
Amoy,	Francisco Formoso, Ismael Velazquez.
Arco do Malo e Clara (Dep. Tacarembó), . . .	Martinez & Marin, João Pelet.
Artigas,	Zelmerino Meneses, José B. Romero.
Avellaneda (Cerro Largo), . . .	Antonio Molinari.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Manoel Ign. Machado, Manoel Sidiara.
Batavia (Cerro Largo), . . .	João Ventura, Antonio Carreras.
Batavia (Cerro Largo), . . .	João Jo. de Silva, José Zavalla & Comp.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Sebastião Azevedo, Sogardo Soja.
Batavia (Cerro Largo), . . .	José Maria Pr. Jo. Pereira, José Menino (casa de Pintos & Ca.).
Batavia (Cerro Largo), . . .	João de Mello, João Jacintho O'neiro.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Luiz Mayer.
Batavia (Cerro Largo), . . .	José F. Varela & C., Odorino Junior & Ferreira.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Marcosino, Leite & C., Juan Guell.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Dr. Silveira, Gomes, Lard, Dr. S. Sebastião da Pedreira n. 51.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Silveira da Costa Pereira.
Batavia (Cerro Largo), . . .	M. Montañon Junior, José de Santos Pereira, David G. de Barros, P. Joly & J. Martin, Fauoung Poissoniere 61.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Alfredo Ruyter, Mariano Comas, Baltazar Salomón.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Laurindo J. da Silva, João do Amor, rua do Rosario n. 80.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Ramão E. Silveira, Manoel Silva, Guimarães & Etcheverry, Antonio Maximo.
Batavia (Cerro Largo), . . .	José da Silva Marques, Jeronimo E. dos Santos, Leonardo J. P. Cracol.
Batavia (Cerro Largo), . . .	Pedro Amonte, Magalhães & Gonçalves, S. Fructoso, J. Jo. de Souza, Manoel Alvares, Eufemio Buenafama, Balduino Lima, Maximo & C. (Largo), Paulino & Freitas, Carlos Broggio.

A PATRIA

MONTevideo, 21 de SETEMBRO de 1886

Aceitamos a discussão

Não ha muitos dias que *El Siglo* dogmaticamente, disse aos seus leitores, que o Barão de Cotegipe com o seu discurso pronunciado no dia 28 de Agosto, demonstrava aos povos das margens do Prata, que não lhes tem sympathia alguma.

Que era incontestável a fama da que gozava por aqui o nobre Barão, isto é, de ser inimigo desta e Republicas vizinhas.

Quê S. Ex., ao mesmo tempo que trucidou no parlamento o credito dos governos do Estado Oriental e Paraguay, nada adiantara ou avertira sobre os da Casa Rosada.

Que esse silencio do illustre Presidente do Conselho, com relação à Republica vizinha, era admiravel; e que, em conclusão, não seguir o nobre ministro lembrara-se da prospera patria do Tigre de Palermo!!!

Nós, ao lermos o artigo de *El Siglo* — Um discurso agri-dulce — produzimos factos e não argumentos, que obrigaram o illustre collega a um silencio, que só podemos explicar pelo erro commetido: erro, sim, porque combatemos *El Siglo* com o proprio *El Siglo*, deixando materialmente provado, que o Ministro d'Estrangeiros do Brasil, se referira em seu discurso aos governos da Casa Rosada, e que na opinião do eminente Barão, a Republica Argentina é senhora da territorio que da direita pertence ao infeliz povo que teve a desventura de cair nas garras de um Solano Lopez, como outros povos nas de outros despotas de igual qualite.

Juan Manuel Rosas e Francisco Solano Lopez, são o espantallo, ainda depois de mortos, dessas duas nacionalidades — Argentina e Paraguay.

A elles nos referimos.

E não foi por ventura o Brasil, quem, em nome da fraternidade americana e salvaguarda de dous povos, ordenou ao primeiro — que tomasse o exilio, e deu ao segundo a morte — no campo da honra!

A Republica Argentina, dotada de riquezas naturaes, tendo a frente de seus governos fillos benemeritos pelo talento e patriotismo, agiu no sentido progressivo, logo após a fuga de Rosas, sendo hoje um dos mais prosperos pellaços do continente americano; o Paraguay, porém, menos dotado pela natureza, mais martyrisado pela pressão externa dos exercitos da Tripla Aliança que talaram lhe o solo e interior do Nero que mandou abrir as entranhas da propria mãe para conhecer o terreno em que fora gerado; o Paraguay, ainda não pôde levantar-se da prostração a que o submeteram essas fatalidades.

O Brasil, o dizemos de conta propria, tem um titulo de nobreza adquirido por sua generosidade para com essa republica que, não ha 20 annos, passou por um decennio de atrozes martyrios.

Jamais acharemos demasiada a complacencia dos governos da nossa patria para com esse povo valente, ao mesmo tempo que modesto: o Paraguay.

Em subsequentes artigos aproveitaremos essas considerações, que parecerão hoje estemporaneas ao illustre collega de *El Siglo*.

O silencio de *El Siglo* foi por nós perfeitamente interpretado. Errare humanum est.

Reflexionamos assim: perdoo-nos hoje a *El Siglo*, porque elle amanhã nos perdoará. O erro é partilha da humanidade.

Cum o collega, recolhemo nos tambem ao silencio.

Não queremos ir longe na defesa do nobre ministro brasileiro, injustamente julgado por *El Siglo*, por duas razões: 1.º porque os factos vieram immediatamente em nosso apoio; expuzemo-nos, e nada mais;

2.º porque a nossa missão nestas columnas é defender o Brasil e suas instituições.

seus estudos, de vltros combinados, para tratamento dos desvios dos olhos — O successor da Grisky é com certeza elle.

A bella Sophia estava sentada no meio dos estudantes, dos quais aceitava, rindo, os olheireamentos de belidaz; o que fez com que, ao cabo de um minuto, tivesse diante de si mais duma *bellita*, outros tantos abismos, alguns *mugrantes*, alguns bitters e um numero incalculavel de copinhos de licôres variados!

Se eu engulo tudo isto, exclamou ella, dando palminadas amigaveis nos meus olhos que estavam mais perto, oh! meus fillos, *que bico!*

Amibál Gervasoni tinha se levantado. Aproximou-se do estudante que acabava de gabar, com tanto entusiasmo, o merito do successor da Grisky, puz-lhe a mão em cima do hombro e disse, cumprimentando-o:

— Não me enganai ainda agora, julgando comprehendere o Dr. Angelo Paroli estava proprietario do estabelecimento da rua da Saudé!

— Não senhor, não se enganou, respondeu o estudante. Já acompanhiei duas vezes com immenso interesse as suas visitas e tenho tenção de ser assistido a conferencias que elle tenciona fazer, sobre ophthalmologia.

— Julga que eu poderia encontrar agora o Dr. Paroli, na rua da Saudé?

— Isso agora não sei. Mas encontro-o com certeza amanhã de manhã. A hora da visita ou das consultas.

tuições e não individualidades, por mais nobres e elevadas que ellas sejam.

Agora, porém, o caso é outro. *El Siglo*, da manhã, de ante-hontem, deixou de mão o nobre Barão de Cotegipe para apresentar nos seus quadros a figura de A. Tella, a humildeza pelas tintas, uma impressão descurada e o orvalho da madrugada de 19 de Setembro apagaram as sombras do quadro. Vimos a forma palpitante das imagens e no fundo a figura esquelada do odio e antipathia voluntarios gravada em caracteres indelaveis.

Em Castor e Pollux a Mythologia endossou o sentimento d'Amizade; deu formas materiaes a uma série de outros sentimentos — o do Amor, o do Bello, etc., etc., não sabemos, porém, si emprestou um titulo pomposo a essa manifestação da alma humana que nos impulsiona a pratica de um acto irracional, como por exemplo, o da provocação de odiosidades quaes este sculo de luzes são tão ridiculas como a *idiosyncrasia* e as *syncope* amorosas.

El Siglo embranhou-se, somente pelo pensamento, nas matas virgens do territorio da Mossôes, *compulso* o tratado de 1777, diz que não ha estudado a questão a fundo e depois termina sentenciosamente: — « O Brasil não tem direito no territorio em litigio; a Republica Argentina está com a razão. »

A epigrapha do seu artigo é *La cuestion Misionera*.

Não vimos hoje combater ou embargar a sentença que approvou o collega dar contra o Brasil, sem ouvir as partes contractantes, sem estudar o processo complexo, em cujos autos existem documentos seculares, de difficil leitura; não vimos pôr embargos nem offerecer requerimento appellatorio da sua sentença a despacho, não. Nada disso vimos, hoje, fazer.

O nosso fim é tão somente dizer a *El Siglo* que o seu artigo *La cuestion Misionera* é um repto solenne que o illustre collega lança altamente à imprensa do Brasil.

Nós, um atomo esperso do jornalismo brasileiro, aceitamos a luvã. Não desancamos em quanto a *El Siglo*, da que esperamos cavalheirismo, não demonstrar a verdade das arrojadas proposições exaradas em seu editorial de 19.

Amanhã discutiremos periplo por periplo, o cartel de desafio, atraiado talvez a luz por persudir-se o veneravel escriptor que não haveria nesta cidade um brasileiro, um unico, apto para combater as verdadeiras huerias que a titulo de conclusões jurídicas *El Siglo* deu a ler aos seus assignantes.

Desculpem-nos a vaidade; ha aqui compatriotas aptos para aceitar a discussão, cubra extemporanea, do direito internacional das conveniências *reguladoras* a que se refere *El Siglo*; porém esses brasileiros, uns por serem obrigados a reclusão imposta aos de sua classe, e outros por carência da pratica, estão sem cartas, deixando, violando o coração, passar em julgado a sentença condemnatoria lavrada nas columnas do criterioso gran lozgo.

Aqui estamos, pois, em substituição aos que por leriam mais vantajosamente desenvolver os direitos da nossa patria, que são tambem os da colônia brasileira do Rio da Prata, ditos que o illustre collega contesta desde já, não sabemos si em nome da Republica Argentina.

Não poderemos acceitar que haja nestas republicas domiciliado um fillo da patria de Ozorio, Caxias, Barroso, Porto Alegre, Rio Branco e José Bonifacio que não applauda este nosso procedimento.

Demonstramos até a saciedade que não pôde deixar de ser apayonado qualquer juizo a priori profetado sobre a questão brasileiro-argentina, enquanto a commissão Mixta não houver terminado os estudos da exploração estipulados no tratado de 23 de Setembro de 1885.

Demonstramos que *El Siglo* antipathia mais com o Brasil ou com os brasileiros do que o nobre Barão de Cotegipe, com as republicas do Prata;

Provaríamos que a nossa mulez nessa questão de limites não é consequencia da nossa ignorancia no assumpto e nem tão pouco da frivolidade do nosso espirito, e sim por julgarmos extemporanea e imprudente qualquer iniciativa partidista em litigios de semelhante natureza.

A modicidade nem sempre é irreluctiva; preferimos peccar pelo silencio a errarmos pela palavra ou pela penna.

E' um proverbio: « a palavra é da praça, o silencio é do ouro. »

O veneravel collega da *El Siglo*, pôde crer-nos, não colherá em nossos artigos posteriores uma palavra, uma phrase da qual infira offensa ao seu nobre caracter ou ao jornal que tão dignamente redige.

Amanhã publicaremos o nosso primeiro artigo sobre a epigrapha — *Questão brasileiro-argentina*.

E' lamentavel a nossa infelicidade: somos provocados a discussões, sempre ingratas em certos casos, pelas columnas do um diario com o qual sympathizamos verdadeiramente.

Desde que assumimos a redacção da *Patria*, temos offerecido a redacção da *El Siglo* elogios merecidos porém respeituosos, palavras da sincera admiração, manifestações puras de um espirito inculco.

Não entretanto, *El Siglo* nos desconsiderou ao ponto de atrair a publicação a sua sentença — Magister dixit — dizendo de si para si: o moço ou deixa passar o camião pela malha, ou recua amedrontado ao reflexo da luz da nossa estrella, que é da primeira grandeza.

Nem uma nem outra cousa.

Aceitamos a luvã, e proximo tempo nos aventuramos a dizer, como outrora um eloquento e jovem tribuno: « Gollat era um gigante, mas foi derribado pela funda de David. »

questão de limites não é consequencia da nossa ignorancia no assumpto e nem tão pouco da frivolidade do nosso espirito, e sim por julgarmos extemporanea e imprudente qualquer iniciativa partidista em litigios de semelhante natureza.

A modicidade nem sempre é irreluctiva; preferimos peccar pelo silencio a errarmos pela palavra ou pela penna.

E' um proverbio: « a palavra é da praça, o silencio é do ouro. »

O veneravel collega da *El Siglo*, pôde crer-nos, não colherá em nossos artigos posteriores uma palavra, uma phrase da qual infira offensa ao seu nobre caracter ou ao jornal que tão dignamente redige.

Amanhã publicaremos o nosso primeiro artigo sobre a epigrapha — *Questão brasileiro-argentina*.

E' lamentavel a nossa infelicidade: somos provocados a discussões, sempre ingratas em certos casos, pelas columnas do um diario com o qual sympathizamos verdadeiramente.

Desde que assumimos a redacção da *Patria*, temos offerecido a redacção da *El Siglo* elogios merecidos porém respeituosos, palavras da sincera admiração, manifestações puras de um espirito inculco.

Não entretanto, *El Siglo* nos desconsiderou ao ponto de atrair a publicação a sua sentença — Magister dixit — dizendo de si para si: o moço ou deixa passar o camião pela malha, ou recua amedrontado ao reflexo da luz da nossa estrella, que é da primeira grandeza.

Nem uma nem outra cousa.

Aceitamos a luvã, e proximo tempo nos aventuramos a dizer, como outrora um eloquento e jovem tribuno: « Gollat era um gigante, mas foi derribado pela funda de David. »

O orgão dos portuguezes residentes na America do Sul tem em seus dous ultimos numeros abordado a questão aventada na imprensa Uruguayia por *El Siglo* e *El Bien*, relativamente à divida desta Republica para com o Brasil.

Um dos primeiros artigos inserido no *Correio de Portugal*, e não obstante temol-o comprehendido, quer pelo exposto nelle, quer por alguma cousa que o escriptor não delirou e qual interpretemos como desfavoravel ao Brasil, tomamos o cuidado de não dizer palavra, porque desde logo lembramos a sympathia que nos liza ao director do *Correio* e tambem as consequências graves de uma discussão sem fundamentos racionais.

El Siglo, tomando na devida consideração o referido artigo do *Correio de Portugal*, deixou clara e positivamente comprehender a intervenção da um repa sentença official do Brasil, na elaboração do que publicara o digno periodico portuguez.

Comprehendemos immo lamente a sentença do assumpto explorado, porém, como antes, recolhemo nos a mudez, aconselhando pelo bom senso.

Em seu ultimo numero, porém, de 19, o collega lusitano, depois de seus justos complementos a *El Siglo*, por tunc em consideração o artigo de fundo do *Correio*, emmanha-se gravemente na questão, não esquecendo-se de confessar que emette a mão em seara alheia.

E' este segundo artigo, sob a epigrapha — Assumpo de Acta dilada — uma censura ao procedimento cavalheiro dos governos da nossa terra, razão porque, ainda mesmo contrariados, vimos fazer ver ao *Correio de Portugal*, que na realidade, está elle navegando em aguas brasileiras, succedendo porém que o piloto que governa o seu navio não conhece bem as barras do porto do Brasil. E' bem provavel que o *Correio* encahele o de com a proa em algum rochedo ou banco de areia. Deus permitta que assim não succeda. Somos amigos de Portugal, admirador de suas glorias e consideramos irmãos alguns lusitanos.

Agrdecemos, não obstante, a seguinte proposição do articulista, a qual bas-

— Muito agradecido.

— Amibál deixou o estudante o voltou para perto do cirurgião ajudante, ao qual disse:

— Vou-me embora.

— Já!

— Já... Estou impaciente por saber o que se passa na casa da saudé do Dr. Grisky.

E depois de um aperto da mão, Amibál sahio da cerejeira.

Os nossos leitores sabiam já que elle morava na rua Monsieur la Prince.

Quando passava em frente a sua casa o porteiro vio-o e chamou-o.

Amibál aproximou-se e perguntou:

— O que ha de novo?

— Uma carta para o senhor. Foi por causa della que eu tornei a liberdade de chamar o senhor.

O italiano agarrou na carta, olhou para o sobre scripto e estranheou, reconhecendo a letra da Paroli.

— Esta carta não veio pelo correio? perguntou elle.

— Não senhor... Foi um cocheiro muito bem vestido, de lãço no chapéu, que veio trazer esta carta.

Gervasoni rasgou o enveloppo, tirou a folha de papel que elle continha e leu estas tres linhas:

« Mio carissimo Gervasoni.

« Espero te esta tarde, ás seis horas e meia, no baulvard Saint-Michel, em casa da Vachette.

« Jantaremos juntos.

« Teu amigo do coração, — Angelo Paroli. »

tanto nos penhora; e como já o disse-mos, devemos advogar com muito maior sympathia, os interesses dos brasileiros, ricos ou pobres. »

O *Correio de Portugal*, o é o ponto que provoca esta amistososa contestação, affirmo que tão culpados são os governos do Brasil quanto es da Republica em terem deixado até hoje ao acaso o no tempo uma pendancia do tal natureza.

Poderamos garantir ao distincto articulista que o Brasil ha procurado a recepção dessa divida por dezenas de vezes e sempre por meios suzorios. Não tem havido incuria da parte dos nossos representantes, a sim fatalidades supervinientes que não obrigou o governo oriental a suspender, algumas vezes bruscamente, o cumprimento de suas promessas.

O *Correio de Portugal*, representante de uma nacionalidade que se acha ligada a nossa pela historia, pelos costumes, idioma e altos interesses, dava concordar que os povos da nossa raça differem em temperamento dos da raça anglo-saxonica.

A Inglaterra, ao contrario das nações latinas, arvora es quadras alevantas exercitos por causa da libra sterling — aquelle grande povo, póla que se descure da sorte dos seus irmãos da Irlanda — porém, jamais se descurará da por em evidencia o axioma inglez: *Time is money*.

Temos certeza que o sympathico contra o *Correio de Portugal* pensa como nosco; isto é, como nós está convencido de que não tem havido incuria da parte dos nossos governos e sim o espirito da paz que presida os destinos do Imperio da Santa Cruz.

A consideração e sympathia que votamos no digno periodico lusitano inspiraram-nos estas ligeiras considerações.

ACTUALIDADE

Paraguay

DATAS ATÉ 15 DE CORRENTE

Da leitura dos jornaes, vimos que aquelle paz, atravessa, e principalmente o commercio, uma época de dividas desconfortadoras; a confiança desappareceu quasi completamente, e não ha ali um só homem bem inspirado que estenda a vista para o futuro e não o acho cheio de funestos presagios.

As operações que está fazendo o governo, actualmente, acabam de crear uma situação difficil para o commercio, cujas consequências desastrosas soffrerá o paz em muito breve tempo.

A ultima data, o assumpto do dia era um contrato privado que se havia ajustado entre o governo e o Sr. Luiz Patri, para o prolongamento da estrada do ferro de Assumpção até Villa Rica.

O Sr. Luiz Patri é o mais forte capitalista do Paraguay e socio do Presidente da Republica e de um cunhado d'este, italiano, compatriota do mesmo capitalista.

Não se conhecia com exactidão as bases do tal contrato, porém assegurava-se que, como clausula primordial n'esse negocio, já o governo tinha entregue ao Sr. Patri, com um desconto ruinoso e sem exemplo, os fundos procedentes da venda de terras e herveas que existiam nas areas da Thesauraria da Fazenda, além de setenta ou setenta e cinco mil libras sterlingas em dinheiro.

Que, finalmente, n'esse contrato estipulas-se bases extremamente onerosas para o Estado, tais como o pagamento de multas despropositadas, no caso de que o governo não possa cumprir com o ajustado no convenio.

Este escandaloso facto mereceu as seguintes linhas do nosso collega *El Herald*:

« Que pensam os homens do governo como que já está feito ou em vespéra de fazer-se? »

« Não o investigaremos n'estes momentos, fatalmente anormaes, porém se ainda ha um resto de pudor civico, um pouco d'essa vergonha que até ruboriza o rosto das messalinas mais impuras, devem deter-se á beira do precipicio e pensar um momento sequer no abjecto e monstruoso da sua obra. »

Completamente aturrido com esta aventura, o italiano pensava:

— Ora aqui está um enigma que tenho pressa em deifrar!! Angelo em Paris quando eu o julgava em Londres!! Angelo, successor da Grisky, em vez de meniziar um mesquinho lugar na Inglaterra. O proverbio francez tem milhares de razões: « A verdade póla alhguas vezes não ser verosimil. » Não comprehendendo absolutamente nada disto; mas esta tarde terei a solução do problema.

VI

Gervasoni entrou em casa, fez rapidamente um pouco de toilette, depois voltando pelo mesmo caminho, foi ao restaurante Vachette situado na esquina do boulevard Daint Michel e da rua das Escolas.

Assim que entrou na porta do café, procurou com os olhos Paroli; este, porém ainda não tinha chegado.

O italiano sentou-se a uma mesa pequena, mandou vir um aperitivo e esperou.

Deixando Cecilia Bernier, Angelo Paroli tinha ido a casa do tabellião que tinha ficado de lhe enviar uma cópia literal da escriptura da venda passada entre elle e Grisky.

Dezjava ter aquelle documento em seu poder, o mais bravo possivel.

O tabellião, desejando ser agradavel ao seu novo cliente, fez diligencia em o servir.

« Ou então, pensem pelo menos que são paraguayos; que escandalos d'essa ordem cobrem perpetuamente da Ignominia; ou, finalmente, já que só no bastardo interesse rendem tributo, que não mais necessitam do exprimer a patria para viver no gosto e na opolencia. »

« Tal qual o menciona a opinião publica, esse negocio é sem exemplo: depois d'elle não fica mais que dividas onerosas, desconflanças accentuadas, paralyações da morte, o curso forçado, a bancarrota enfim; só a noticia de haver se feito entrega ao Sr. Patri de um milhão em valores, com enorme desconto, assim como a entrega de setenta ou setenta e cinco mil libras em dinheiro, dá a medida da quanto é illicito o vergonhoso este negocio. »

« Molito o governo, que talvez não seja tarde para reparar essa ruina. »

Por causa d'esta facto, o Banco Nacional vio se obrigado a restringir as suas operações do desconto, para o que era preciso uma antecipação de alguns dias.

Estava, finalmente, o Paraguay, com o tal negocio feito privadamente, em vespéra do mais grande crise.

Por outro lado, na camara dos deputados, os Srs. Decoul e Fernandez tinham interpellado o Sr. ministro da Fazenda a respeito da venda da mesma estrada da ferro ao governo, tendo respondido o Sr. ministro que não podia revelar as propostas que haviam sido feitas ao Poder Executivo n'esse negocio, para que nenhum interessado nessa compra se apropriasse das vantagens que o governo julgou obter.

Os interpellantes não se deram por satisfeitos com as explicações do Sr. ministro da Fazenda e o atacaram duramente, dizendo o Sr. Fernandez que a conducta d'aquelle membro do gabinete era injustificavel; que para completar mais o exarcano atraiado a face da Nação, o negocio da compra da estrada da ferro fora feito violentamente, com completo desconhecimento do art. 19 da Constituição; que os protestos dados a publicação por alguns dos proprietarios da referida estrada da ferro, confirmavam aquelle desconhecimento, acrescentando que era esse negocio um attentado contra o direito da propriedade; facto improprio de um paz civilisado e que talvez já tivesse dado lugar a alguma reclamação internacional.

Esta era a situação do Paraguay.

LITTERATURA

Meus sobrinhos

A MEUS IRMÃO

Como os pequenos pathyços, o mais novo — cotado I — cavaia os primeiros passos n'um equilibrio arriscado.

Como não falla é preciso cada instante adincluir o que elle traduz no riso, o que revela no olhar.

Por isso, no vel-o parado como quem pensa o medito, espero, to lo enleado n'uma aniedada infinita,

que depois d'essa vigília chegou o dia em que dirá, d'esta epopéia — a Família — a gran lo estrophe — Papá. —

O mais velho é um rapagão forte, sahio, palreiro: — um Hercules do boteiro que já não temo o papão.

E' mesmo um vivo demonio I Galato egual nunca vil Zangado, chama-me o Anthonio, so faço as pazes — tili.

En dizeir coisas facetas, quando mo pilha sentado, Vem pôr-me um chapéu arimado feito da velhas gazetas.

Paroli não sahio do cartorio, sem levar a cópia no bolso, mas isto tinha-o retardado algum tanto e só os seto monos um quarto é que pôlo chegar ao restaurante.

Anibal recebeu-o com um sorriso, apertou-lhe cordalmente a mão o verificou, não sem surpresa, a completa e rapida metamorphose que se tinha effectuado na pessoa o modos do seu amigo.

Da bebedor do absinto frequentador das especulacões reles, do repudiado, do irregular nada restava.

100